



## A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UM CONTEXTO DA DEFICIÊNCIA VISUAL

### THE IMPORTANCE OF LITERATURE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION IN A CONTEXT OF VISUAL IMPAIRMENT

Cassiane Knebe<sup>3</sup>

Kelli Regina Assunção dos Santos<sup>4</sup>

Tiago Jose Teodoro<sup>5</sup>

**RESUMO:** A literatura, por iniciar o homem no mundo literário, deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo. A literatura oferece ao leitor uma bagagem de conhecimentos e informações capaz de provocar uma ação criadora. No contato com histórias lidas ou ouvidas, a criança vai adquirindo novas experiências. É fundamental que ocorra estimulação da leitura por parte da escola e do professor, pois é nessa aproximação com livros de leitura, bem como outros materiais, que o gosto à leitura vai fazer com que os alunos sejam críticos, conscientes, transformadores, com liberdade de expressão, capazes de construir seu próprio conhecimento e sua personalidade. O aluno deficiente visual por vezes tem o seu contato com a literatura tardio e com isso uma série de oportunidades acabam sendo privada a esses. A leitura e a escrita consciente a base do nosso aprendizado, e essa base deve ser disseminada e oportunizada a todos, para que assim seja possível vivenciar a igualdade na diversidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura, Leitura, Deficiente Visual.

**ABSTRACT:** The literature, for initiating the man in the literary world, should be used as a tool for raising awareness, to expand the capacity and interest to analyze the world. The literature provides the reader with a baggage of knowledge and information can lead to creative action. In touch with stories read or heard, the child acquires new experiences. It is essential that stimulation occurs reading from the school and the teacher, it is this approach to reading books and other materials, the taste for reading will cause the students to be critical, conscious, transformers, with freedom of expression, able to construct their own knowledge and your personality. The visually impaired student sometimes has its contact with the literature and with

<sup>3</sup> Mestranda em Educação pela UNOESC; Especialista em Educação Infantil, Séries Iniciais com Ênfase em Ludopedagogia e Literatura Infantil – CENSUPEG; Graduada em Pedagogia – UNOESC. [cassi.quimica@yahoo.com.br](mailto:cassi.quimica@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Mestranda em Educação pela UNOESC; Especialista em Educação Física Escolar e Gestão Escolar; Graduada em Educação Física - UNC. [kellipersonal@bol.com.br](mailto:kellipersonal@bol.com.br)

<sup>5</sup> Mestrando em Educação pela UNOESC; Especialista em: Educação Especial e Educação Ambiental; Graduado em Ciências Biológicas – FIVR. [tiago.teodoro@hotmail.com](mailto:tiago.teodoro@hotmail.com)



this late a number of opportunities to these end up being private. Reading and writing the basis of our conscious learning does and it should be nurtured and disseminated to all, so that you can experience equality in diversity.

**KEYWORDS:** Literature, Reading, Visually Impaired.

## INTRODUÇÃO

Este artigo busca trazer fatos que demonstram a necessidade da literatura nos primeiros anos de vida e como tal fato pode auxiliar no desenvolvimento de alunos deficientes visuais.

A leitura é imprescindível para a aprendizagem do ser humano, com ela é possível enriquecer o vocabulário, assim, obtendo maiores conhecimentos de mundo e das diferentes formas de interação existentes nele, através da leitura descobrimos um mundo novo.

O hábito pela leitura deve ser estimulado desde os primeiros anos de vida, tanto na escola, quanto em casa na presença dos pais, para que desta forma o cidadão aprenda a importância da leitura, percebendo que é algo prazeroso. Tudo isso, implicará num adulto mais crítico, culto e dinâmico diante da sociedade.

A literatura participa de um diálogo com todas as linguagens de arte, e os leitores transitam, naturalmente, de uma linguagem a outra, tanto na condição de receptores, que se modificam com todos os dados novos da criação do artista, como na condição de agentes que, pelo convívio com as artes e movidos também pela própria criatividade e pela sensibilidade, produzem, elaboram, reintegram, criam (RESENDE. 1997, p. 100).

Neste contexto a leitura surge como um elemento construtor do imaginário humano. Uma história incorporada ao sonho de uma criança é esperança e força nos momentos difíceis da vida e, certamente, enriquecimento da velhice, quando as lembranças da meninice se tornam muito presentes. A fantasia e a magia de uma história não só encanta e desperta a imaginação criadora, como é responsável por formar inventores e criadores.

A literatura desde a sua origem foi utilizada como um instrumento educacional, um reforço para fixar os costumes da sociedade na época.

Com a leitura o leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo e o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor (MARTINS, 2006. p 32-33).



O fato de ler implica em uma nova postura a de não ser somente um mero codificador, mas de um sujeito atuante que elabora ideias a respeito da leitura interpretando muito além do que esta representado pela escrita.

A infância é o melhor momento para o indivíduo iniciar sua emancipação mediante a função liberatória da palavra. A leitura tem um papel decisivo na formação intelectual do sujeito, proporcionando a participação, imaginação, criatividade, motivação, percepção, atenção, coordenação motora, fantasia, equilíbrio corporal, linguagem, interpretação, desenhos, atividades lúdicas entre outras.

Diante de registros escritos, descobrimos uma imensidão de culturas, histórias e diferentes hábitos. Compreendemos o sentido das ideias, dos fatos, vivências, enfim, de uma realidade. Assim, a leitura é considerada como sendo um dos mais importantes deveres que a escola deve ensinar, porém para que isso aconteça, é evidente que o educador tenha consciência de tal necessidade, praticando diariamente o hábito da leitura.

O presente estudo teve como objetivo geral proporcionar aos educadores e alunos uma reflexão sobre a importância do hábito de ler e de instigar alunos deficientes visuais, nos diversificados tipos de leituras e a partir do exposto possam ampliar a visão de mundo, buscando atingir os seguintes objetivos específicos: Organizar o espaço escolar para o momento de leitura como um momento de inclusão; compreender que todo o tipo de leitura é importante e necessário; despertar o hábito de leitura nos alunos que ainda não compreendem sua importância; desenvolver a oralidade e a expressão corporal através do relato das histórias, estimulando a produção oral e escrita; perceber que a leitura nos proporciona conhecimentos indispensáveis; expandir o conhecimento a respeito da própria leitura.

Portanto, para um melhor esclarecimento aos leitores, este artigo apresenta resumo, introdução, revisão de literatura e considerações finais.

## **1-A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL EM UM CONTEXTO DE INCLUSÃO ESCOLAR**



A inclusão escolar é um dos temas mais abordados no cotidiano escolar, porém é um tema que trás muitas duvidas e medos aos educadores, principalmente no que diz ao processo de ensino e aprendizagem, um dos fatos que se observa é a falta de dialogo entre os educadores, a partilha de experiências, registro dos relatos de sucesso e fracasso são esses relatos que permitem afastar e desmistificar os medos acerca da inclusão escolar. E com isso a escola possa a ter subsídios para ajustar o seu fazer pedagógico adequado as necessidades dos alunos. ”O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em um contexto para que adquiram sentidos” (MORIN, 2003,p. 65).

A partir deste fato podemos afirmar que a escola ao proporcionar um ambiente literário está dando voz aos professores e aos alunos, que poderão se manifestar das mais diversas formas possíveis expressando suas ideias, pensamentos, etc. Neste movimento de interação entre leitores o conhecimento é construído e às dificuldades apresentadas vencidas, seja na alfabetização ou na inclusão.

Os deficientes visuais apresentam uma serie de peculiaridades ligadas a leitura e ao processo de alfabetização, onde os mesmos não contam com o auxilio da visão para interagir com o mundo letrado, necessitando assim, estimular outros sentidos, uma vez que é fato a influencia da visão na alfabetização, devendo ser oportunizado ao deficiente visual o contato com a leitura e a escrita para que, assim possa se familiarizar com o sistema Braille.

De maneira inversa a da criança vidente que incorpora, assistematicamente, hábitos de escrita e de leitura desde muito cedo, a criança cega demora muito tempo a entrar no universo do “ler e escrever”. O Sistema Braille não faz parte do dia-a-dia, como um objeto socialmente estabelecido. Somente os cegos se utilizam dele. As descobertas das propriedades e funções da escrita tornam-se impraticáveis para ela. ALMEIDA (2013,s/p)

Nesse sentido surge a necessidade da difusão da leitura para todos, afim de desmistificar esse processo tão peculiar aos deficientes visuais proporcionando as mesmas descobertas por prismas diferentes da função da leitura e da escrita. Ferreiro (1999, p.47) ...“a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária”. Ou seja, a leitura e a escrita devem estar intrinsecamente ligadas à vida do aluno para que a alfabetização seja um processo natural e prazeroso.



“A palavra literatura é intransitiva e, independente do adjetivo que receba, é arte e deleite. Sendo assim, o termo infantil associado à literatura não significa que ela tenha sido feita necessariamente para crianças”. (OLIVEIRA, 2005, p. 3). A literatura permite um espaço laico destinado a todos independente de suas peculiaridades.

A literatura infantil brasileira, elaborando ficcionalmente seus modelos narrativos e heróicos, funda um universo imaginário peculiar que se encaminha em duas linhas principais. De um lado reproduz e interpreta a sociedade nacional, avaliando o processo acelerado de modernização, nem sempre aceitando-o com facilidade, segundo se expressam narradores e personagens. (...) De outro lado, dá margem à manifestação do mundo infantil que se aloja melhor na fantasia e não na sociedade, opções que sugere uma resposta à marginalização a que o meio empurra a criança (LAJOBLO, ZILBERMAN, 1998 p. 67).

A literatura faz com que a criança permaneça “criança” não deixando a mercê do mundo capitalista. Desde o nascimento, a criança começa a estabelecer relações afetivas com a literatura, através de gravuras, letreiros, histórias; assim a criança não é um receptor passivo da história, mas se torna um personagem importante, explorando seus sentimentos e transformando-os em ações.

Penetrando-se, mais profundamente, na teoria da construção do conhecimento de Jean Piaget, compreende-se que só a educação construtivista fornecerá dados concretos para que se cumpra, em essência, o desenvolvimento intelectual de uma criança cega. Interagindo com os objetos, com o meio físico e com as pessoas, essa criança terá o seu crescimento mais facilitado e mais firme. ALMEIDA (2013,s/p)

A leitura e a escrita surge para o cego como as janelas da alma, abrindo as portas para um mundo de imaginação e de criação onde tudo é possível.

Yunes e Pondé (1989, p. 144) afirmam:

Ler é uma aventura na qual vamos defrontar-se com algo que não está completamente claro, nem preciso. O desafio de descobrir o significado daquilo que está sugerido torna-se o prêmio para todos que se deixarem levar pelos prazeres da leitura.

De acordo com Cerqueira, Vidigal e Rogério (2006, p. 54) “Os livros infantis divertem, emocionam, inspiram. Escolher os melhores para ler com o filho, ou para ele se aventurar sozinho, está longe de ser uma tarefa simples.”



Para explicar um pouco mais sobre o lançamento de livros infantis, e que livro é mais buscado pelas crianças, recorreremos ao trecho de Cerqueira, Vidigal e Rogério (2006, p. 55):

Todos os anos são lançados, em média, 2 mil títulos. Nos Estados Unidos, cerca de 4 mil títulos infantis saem das editoras por ano. Essa avalanche se traduz em adultos indecisos nas livrarias. Levo este ou aquele? Qual o ideal para a idade dele? Para facilitar sua vida, elegemos os melhores livros para crianças. Procuramos orientação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), que indicou especialistas em literatura para entrevistarmos. Também reviramos a biblioteca da CRESCER e ainda buscamos gente que não tem titulação acadêmica, mas que de alguma forma está ligada à literatura infantil. Chegamos a uma incrível lista com mais de 320 títulos. O grande campeão foi Reinações de Narizinho.

A verdadeira literatura infantil brasileira iniciou-se sob a égide de um dos mais destacados intelectuais: Monteiro Lobato. O escritor rompe com padrões pré fixados do gênero. Seus livros infantis não se tratam de um reflexo do real, antes, constituem-se na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e pré-conceitos, da situação histórica em que é produzido. Não aceita os modelos europeus, em contra partida propõe os seus (CADERMARTONI, 1995, p.43).

A criança cega interage com a literatura principalmente através da audição e do tato reconhecendo as imagens estabelecendo relações de interpretação entre o mundo da fantasia e o mundo real.

## 2-LEITURA NAS ESCOLAS

“A escola, cada vez mais, vem resgatando a literatura infantil, trazendo-a para a sala de aula de forma criativa, alegre, descontraída, dinâmica e promovendo a interação da criança com os livros”. (BARBOSA, 2007, p. 5).

Quando a criança participa de histórias infantis, seja como ouvinte, locutor ou outro papel, está desenvolvendo suas emoções afetivas, emocionais; está pronta para crescer.

Apoiadas em diferentes teorias, às recomendações práticas terminam por preconizar a leitura intensiva, participativa, releituras e intertextualizações. São propostas vinculadas às diferentes linguagens artísticas: associadas às imagens visuais, uso de vivência corporais, trilhas sonoras e outras formas de criar e sentir. Utilizam diferentes nomeações, classificações, mas há algo de comum nesses trabalhos: o processo de formação do leitor – autor – aquele que levará a



tingir a autonomia – implica na sua participação ativa e significativa. (STEFANI, 1997, p. 20).

O deficiente visual necessita de um contexto onde realmente seja possível a expressão das diferentes linguagens artísticas, pois são elas que irão possibilitar outras formas de criar e de sentir. Atualmente temos algumas tendências que são: a realista, a fantasista e a híbrida, sendo que a última busca a nossa identidade cultural, redescobrimo nossas origens básicas, a magia da literatura mística, com visão culta e criadora, oferecendo a todas as crianças histórias atraentes, vivas, bem humoradas, divertindo e ao mesmo tempo estimulando a consciência crítica em relação a valores, procurando acabar com a ameaça da inércia mental, pobreza de linguagem devido um pensamento estreito e limitado. (COELHO, 1991, p.264).

As histórias transportam o ouvinte para uma viagem, onde palavras novas são aprendidas, músicas são ouvidas e cantadas, culturas são conhecidas, outros lugares e tempos; é um trabalho onde desenvolve no aprendiz a alegria de aprender. É lendo que se adquirem novos conhecimentos, desafiando a imaginação e descobrindo o prazer de pensar e sonhar é nesse sentido que ocorre a verdadeira inclusão na escola.

“Certas obras dependem muito da imaginação infantil, e estas se tornam de suma importância para o espírito infantil”. (STOCKMANN, 2000, p. 13).

Deve-se ressaltar, então, que o professor, para realizar esse trabalho, precisa gostar de ler, atualizar-se, tomar conhecimento das obras de literatura infantil existentes, trocar idéias com os colegas, fazer cursos de dinâmica em literatura, a fim de ficar capacitado a desenvolver um trabalho didático de qualidade que muitas vezes, encontra-se subexplorado. (BARBOSA, 2007, p. 5).

O professor ao trabalhar com os alunos deficientes visuais deve além de exercitar o hábito pela leitura quando possível deve proporcionar aos alunos o contato físico com se não com o todo mais com partes da história para que esse aluno possa criar uma imagem verdadeira e contextualizada da história a qual ele participa seja na condição de ouvinte, leitor ou personagem. A leitura pode buscar o conhecimento, divertimento, emoção, informação, orientação. Podem-se tirar dúvidas, confirmar hipóteses, obter dados, pois ela pode se vista e vivida.

A literatura quando é bem trabalhada e explorada torna-se uma fonte de conhecimento e de conscientização do aluno, pois ela consegue prender a atenção do mesmo, de forma a tornar-se tão importante quanto o seu próprio alimento. Desta forma, o ato de ler passa a fazer parte do seu cotidiano, pois “a literatura que desperta os bons sentimentos, logo



aperfeiçoa a conduta . Sendo o sentido do belo despertando e cultivado , a sensibilidade aprimorada , conduzindo-se as boas ações” (CARVALHO, 1989. p .85).

A literatura não é apenas representada pela imaginação infantil , mas sobretudo pela imaginação adulta criada para um público infantil , assim ela será vista e sentida como maior ênfase e entusiasmo por todos.

### **3-A IMPORTANCIA DAS HISTÓRIAS**

A tradicional contação de histórias usada até os dias atuais é um momento muito importante, um instrumento que trás estímulos à criança, servindo de alicerce na leitura, desenvolvimento de linguagem, despertando um senso crítico e fazendo a criança usar sua imaginação, flutuar num mundo mágico e cheio de encantos.

Desde cedo é importante que o aluno deficiente visual ouça muitas histórias, pois estas ajudaram na sua formação, abrindo um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

De acordo com Stefani (1997, p. 19) “Um trabalho de leitura que leve em conta (leitor – autor, leitor que contextualiza e leitor – apreciador) esses três momentos pode ser chamado nomeado de leitura criativa.”

Para se ter uma boa história contada, é preciso que o contador ou mediador do processo (educador, pais), saibam da importância em envolver a criança na história, dando vida aos personagens, despertando emoções no mundo irreal, levando a criança para esse mundo com sua participação, ao se tratar da criança deficiente visual esse processo estimula a sinestesia.

É preciso contar, criar e recriar histórias para se chegar ao mundo em que a criança faz parte, dessa forma aproximando do mundo da leitura junto com a fantasia que é maneira dela ver sua realidade.

Ao contar histórias a uma criança deve- se ter cuidado, por isso recorrer às palavras de um grande pesquisador:

Para contar uma história, seja qual for, é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes [...], quando se vai ler uma história para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume





que se vê na estante. Não é apenas no terreno da leitura das palavras que as dificuldades podem surgir. É o conteúdo da história, as relações entre personagens, mentiras que ela pode colocar...Por isso, ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita. Assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que por isso, chega ao ouvinte. (ABRAMOVICH, 1994, p. 19-20).

Para melhor entender o objetivo da história infantil, recorre-se ao seguinte trecho de Stockmann (2000, p. 11):

Os primeiros passos na formação moral, social e literária são as histórias infantis. Estão demonstrados na linguagem oral e escrita, através das tradições, anseios de um povo sentido no seu desenvolvimento. A história infantil tem como objetivo entreter o aluno despertar-lhe o amor, a beleza, desenvolver-se a imaginação, o poder de observação, a inteligência, o gosto artístico, visando estabelecer uma relação íntima entre o mundo da fantasia e a realidade.

Uma história de qualidade desperta atenção e encanta todas as crianças, pois é um mundo mágico, e a criança estando numa fase de formação, se preenche de informações e de vivências que serão uteis na formação de sua identidade. O mais incrível é observar a capacidade imaginativa de uma criança cega que apesar de não ver as sete cores do arco-íris consegue imaginar 14 novas cores que os nossos olhos jamais serão capazes de imaginar.

Portanto, ler histórias é viver momentos mágicos de suspense, de encantamento, sem pressa, sem cobranças. É reforçar os laços afetivos com os pais, avós e professores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura está presente em nossa vida, desde o momento que compreendemos o mundo à nossa volta, com desejo constante de interpretar tudo que vemos e o que não vemos através da visão. O ato de ler, não significa apenas decodificar símbolos, mas sim, interpretar e compreender o que querem dizer, para o deficiente visual essa tarefa é quase que mística envolvendo diferentes sentidos, para que seja construída uma imagem presente em um mundo de imaginação e sonho.

É através da literatura que a criança pode buscar a interpretação, a criatividade e principalmente o conhecimento de mundo, pois a partir do momento em que tem acesso e gosta



de ler, passa a relacionar e identificar a história com experiência de sua vida, ou até enriquecendo aquilo que conhece.

A literatura será sempre o convite ao sonho, pois se apresenta como forma maior de recreação na vida das crianças sejam elas deficientes visuais ou não. O simples fato de manipular os livros, ouvir as histórias ou ainda, manusear imagens, proporciona na criança cega uma explosão de interpretações através da riqueza de motivações e de recursos que oferece, interpreta e vive os personagens, até identificando-os com que os cerca, assim como sujeito pensante, criativo é capaz de modificar a realidade, criticá-la e enfrentá-la.

Diante o trabalho de referencial afirmo que o mesmo não acabou, pois o processo é contínuo, onde a cada dia posso ampliar meu referencial literário, descobrindo vários caminhos para a interpretação e para imaginação. Tal estudo oferece um rico material para sua exploração dentro da aprendizagem dos alunos em contextos de inclusão.

É admissível dizer que na leitura realizada com prazer, é possível desenvolver uma melhor imaginação, desenvolvendo a escuta, enriquecendo o vocabulário que envolve variadas linguagens, proporcionando aos alunos viver a igualdade na diversidade.

Cabe às escolas, mais especificamente ao corpo docente, estimular a criança a ter contato permanente com os livros. Assim, no processo de construção, é fundamental a parceria junto com a família, para que ambas desenvolvam o hábito pela leitura, tanto na escola, quanto em casa, com a participação efetiva de todos os membros que fazem parte do seu dia-a-dia.

Sendo assim, vale à pena socializar com demais profissionais da área de educação. Sugiro assim que demais pessoas que trabalham nesta área buscam se aperfeiçoar diante o assunto, ampliando suas atividades e explorando sempre de maneira diferente, só assim os objetivos traçados podem ser realizados.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura infantil, gostosuras e bobices**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

ALMEIDA, M. G. **Alfabetização: uma reflexão necessária**. *Revista Benjamin Constant*. Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://www.ibr.gov.br/index.php?itemid=394#more>>. Acesso em: 30 de jan. 2013.



BARBOSA, Marlene Emília Barison. Literatura infantil. **Revista do Professor**. Rio Pardo / RS: CPOEC, ano 23, n 92, out/dez 2007.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e terra, 2007.

CALDEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A Literatura Infantil – Visão Histórica e Crítica** 6ª ed. SP. Global, 1989.

CERQUEIRA, Patrícia; VIDIGAL, Marina; ROGERIO, Cristiane. Livros para seu filho. **Revista Crescer**, São Paulo: Ed. 51, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil**. São Paulo: Ática, 1991.

DIATKINE, René. Histórias sem fim. **Revista Veja**. Rio de Janeiro, 17 mar.1993.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999

LAJOLO, Marisa e ZILLBERMAM, Regina. **Literatura Infantil Brasileira. Histórias e Histórias**. São Paulo: Ática, 1998.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: brasiliense, 2006.

MANTOAN, M.T.E. **INCLUSÃO ESCOLAR**. O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Editora Moderna, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 8. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO. 2003.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. **A literatura infantil**. [Rio de Janeiro], 2005, 3 p. Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/litininf/origens.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2008.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura infantil e juvenil: vivências de leitura e expressão criadora**. São Paulo: Saraiva, 1997.

SILVA, Coelho Betty Maria. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 6. ed. São Paulo, 1995.

STEFANI, Rosaly. **Leitura: que espaço é esse?** São Paulo: [s.n], 1997.



STOCKMANN, Suleina Fabina. **Leitura na escola, literatura infantil.** Concórdia – SC: [s.n], 2000.

VYGOTSKY, L. S. A formação da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

YUNES, Eliana; PONDÊ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil: por onde começar?** 2. ed. São Paulo: FTD, 1989.